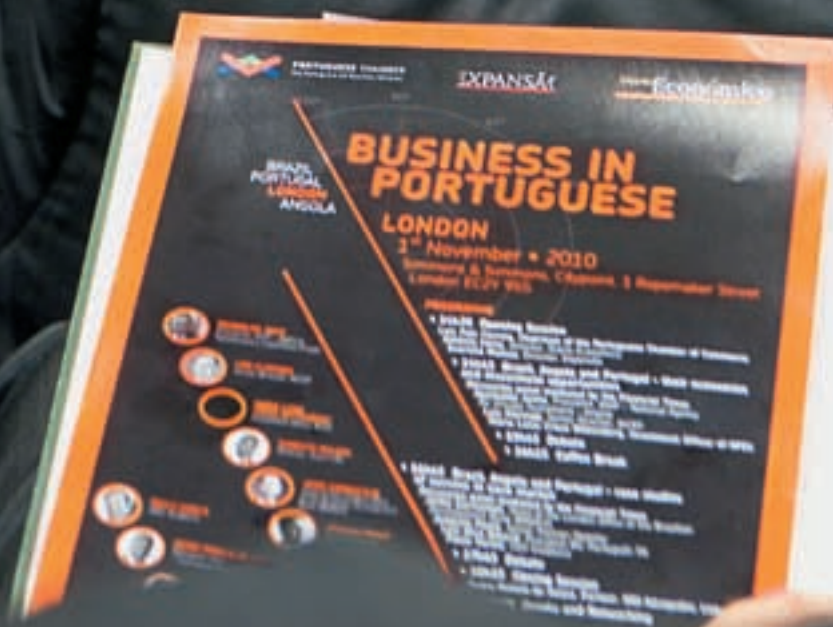


Business in **PORTUGUESE**

Portugal, Angola e Brasil



- ▶ Entrevista a Aginaldo Jaime, presidente da ANIP, de Angola
- ▶ Empresas portuguesas que já são 'case studies'
- ▶ Os sectores mais atractivos onde o Brasil procura investidores

Portugal é a porta para investimentos do Brasil e de Angola na Europa

As ligações históricas e culturais são vantajosas e fazem com que Portugal ainda funcione como porta de entrada para alguns investidores estrangeiros.

HERMÍNIA SARAIVA EM LONDRES

herminia.saraiva@economico.pt

Aguinaldo Jaime foi o orador mais procurado pelos participantes na conferência Business in Portuguese, organizada pela Câmara de Comércio Portuguesa no Reino Unido, o Diário Económico e o jornal angolano Expansão, que aconteceu esta semana em Londres. Num encontro em que se discutiram as oportunidades de negócio em Portugal, Angola e Brasil, o presidente da ANIP - Agência Nacional para o Investimento Privado foi o mais procurado pela assistência, um sinal do interesse de que Angola é alvo nos mercados externos.

Os números apresentados por Aguinaldo Jaime também falam por si. Apesar da crise financeira internacional, a que Angola não esteve imune, em 2009 foi possível “atrair elevados níveis de investimento directo estrangeiro se comparado com 2008”. No ano passado o investimento chegou aos 2,8 mil milhões de dólares (1,58 mil milhões de euros) fora do sector petrolífero superando os 1,8 mil milhões de dólares (1,3 mil milhões de euros) captados em 2008. Estes valores são ainda um sinal da diversificação da economia angolana. Em 2010, os números continuam a mostrar uma tendência de subida: “Esperamos no final do ano chegar aos cinco mil milhões de dólares de investimentos fora do sector petrolífero”, afirmou Aguinaldo Jaime.

E um dos principais objectivos do governo de Luanda como forma de reduzir a dependência do petróleo, passa pela diversificação da economia: “Queremos substituir as exportações e ampliar a base de exportações”, afirma Aguinaldo Jaime, explicando que dos novos investimentos cerca de 29% estão concentrados na indústria transformadora, seguindo-se o comércio (22,1%) e os transportes e telecomunicações (11%). A construção civil, onde as empresas portuguesas estão fortemente representadas, captou no último ano 9% do investimento.

Portugal é receptor dos “excessos de capital em Angola”

Mas numa conferência focada nos negócios em português, qual o papel de Portugal na captação de investimentos para Angola e Brasil. “Angola tem uma presença significativa de empresas portuguesas e dependerá dos investidores se querem ir de forma directa, o que acredito que na maior parte das vezes optem

INVESTIMENTO

A captação de IDE para Angola apresenta uma tendência de crescimento apesar do país não ter saído imune da crise financeira internacional

2,2 mil milhões de euros

CONSUMO

O consumo interno, baseado numa nova classe média com mais 30 milhões de pessoas, tem estado a puxar pelo crescimento brasileiro

30 milhões de pessoas

Angola e Brasil em Portugal

O crescimento angolano tem permitido às grandes empresas procurar alternativas de investimento, sobretudo em Portugal. Nos últimos anos, empresas angolanas adquiriram participações relevantes no BPI e BCP, na Galp Energia, através da Amorim Energia, e também na Zon, além do controlo do jornal Sol. Menores são os investimentos brasileiros em Portugal. A presença da Embraer em Évora, num investimento de 148 milhões de euros numa fase inicial, e a aposta da Camargo Corrêa e da Votarantim na Cimpor são hoje as maiores apostas do Brasil em Portugal.

por fazer, ou se o fazem por parcerias com as empresas portuguesas”, diz Aguinaldo Jaime. Em sentido contrário, Joaquim Paulo, senior partner da Deloitte, diz que “Portugal funciona como um mercado de investimento natural dos excessos de capital em Angola e da passagem de Angola para outros mercados.”

Maria Luísa Wittenberg, Investment Officer da brasileira APEX, acredita que a parceria com as empresas portuguesas pode ser uma vantagem para quem equaciona a entrada no mercado brasileiro. “Portugal tem uma importante presença no Brasil no sector da energia, nas telecomunicações e no turismo, as empresas portuguesas conhecem o mercado e podem ser um parceiro importante”, diz a responsável da agência brasileira.

Luís Florindo, director executivo da AICEP, diz que “ninguém quer investir em Portugal por causa do seu mercado interno”, mas antes pelas possibilidades que oferece “para abordar outros mercados a partir de Portugal.” Por isso diz que a aproximação indirecta ao Brasil e Angola através de Portugal pode representar uma vantagem: “Existe um ADN histórico e cultural que faz com que seja mais fácil a aproximação a estes mercados por via das empresas portuguesas”, que além de já estarem instaladas em Angola e Brasil “estão habituadas ao ambiente europeu”, garante o português.

Além das taxas de crescimento económico registadas nos últimos anos, Brasil e Angola tem em comum o lançamento de grandes programas de infra-estruturas que, na opinião dos responsáveis presentes na conferência Business in Portuguese, tem impulsionado a economia. Maria Wittenberg recorda que o Brasil tem em andamento o Programa de Aceleração do Crescimento e investimentos massivos em infra-estruturas que não são alheios ao facto do país ir receber os Jogos Olímpicos e o Campeonato do Mundo de Futebol.

Em Angola, e depois de anos de guerra civil, a preocupação são as novas infra-estruturas que possam desenvolver o resto do país, uma vez que os investimentos estrangeiros continuam concentrados em Luanda - 78% do total. “Os investidores podem investir em qualquer parte do país, temos um mercado de entrada livre e depende deles a escolha da localização, mas temos noção que é preciso melhorar a infra-estrutura básica - estradas, caminhos-de-ferro, aeroportos, portos, - porque tem um efeito multiplicador na economia”, diz Aguinaldo Jaime. ■



Jaime Gornsztejn, responsável pela sucursal do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social garantiu que o BNDES está pronto para “apoiar o investimento estrangeiro no Brasil.”



Aginaldo Jaime, presidente da ANIP, à direita, foi a "estrela" da conferência. As inúmeras questões colocadas pela assistência foram um claro sinal do interesse que Angola levanta junto dos mercados externos.

Fotos: Chris Renton

Empresas portuguesas são casos de sucesso

Mercado brasileiro pode funcionar como ponte para a América Latina

Se uma taxa de crescimento estimada de 5% não for razão suficiente para investir no mercado brasileiro, Jaime Gornsztejn, responsável pela sucursal do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social (BNDES), acrescenta outro argumento: "Muitas empresas vão para o Brasil não apenas pelo país, mas pelas potencialidades regionais", diz, acrescentando que o "o BNDES está pronto para apoiar o investimento estrangeiro no Brasil".

Jaime Gornsztejn foi um dos oradores do segundo painel da conferência "Business in Portuguese", que contou ainda com Paulo Varela, CEO da Visabeira, Mira Amaral, presidente do BIC Português e Joaquim Paulo, senior partner Deloitte. Se ao primeiro coube reforçar as ideias deixadas por Maria Luísa Wittenberg, Investment Officer da APEX, aos restantes a discussão serviu para apresentar as suas actividades em Portugal, Angola e Brasil. Em comum a palavra sucesso.

As relações entre os três países são evidentes no discurso de Mira Amaral, presente na conferência em representação do BIC Angola: "Em Portugal trabalhamos como uma plataforma para Angola e em alguns casos desenvolvemos um sistema em que financiamos as importações de produtos do Brasil e dos Estados Unidos que depois são exportados para Angola." É com base neste modelo de negócio, bem como na actividade de banca de retalho e troca de divisas que "o BIC é ao fim de cinco anos um importante caso de sucesso em Angola, sendo hoje um dos cinco maiores bancos angolanos", diz Mira Amaral. Em Portugal, onde o banco se implementou há dois anos, o BIC controla já activos no valor de mil milhões de dólares.

O caso da Visabeira é emblemático em Angola, mercado onde está presente há cerca de doze anos, e o Brasil será uma aposta do grupo em 2011 (ver texto na página 6). "Começamos a nossa operação em África a partir de Moçambique e foi uma experiência importante para ser bem sucedido em ambientes mais difíceis, como Angola, apesar de todas as melhorias que já foram realizadas", constata Paulo Varela, presidente da empresa portuguesa. Em 2009 o mercado angolano valeu à Visabeira 60,1 milhões de euros, montante que deverá crescer a dois dígitos já este ano. ■ H.S.

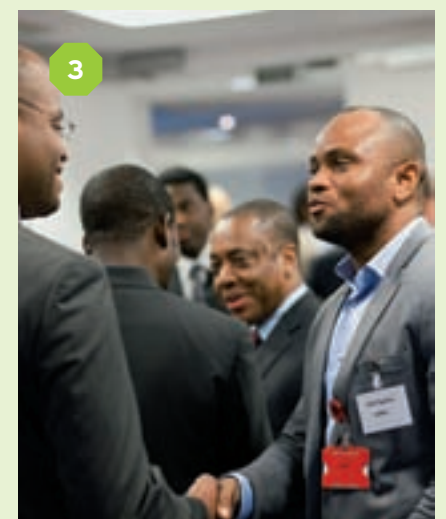
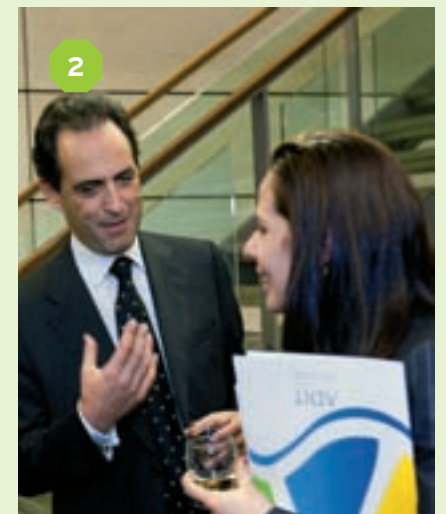
Qualificação dos recursos humanos

"O principal constrangimento nem será do ponto de vista dos recursos financeiros, o crescimento dos negócios nesses mercados tem mais a ver com a disponibilidade de recursos e pessoas qualificadas", diz Paulo Varela que considera que este é um "factor crítico de sucesso" em Angola e no Brasil. A ideia foi partilhada por todos os intervenientes no painel "Portugal Brasil e Angola - Experiências de Sucesso" da conferência promovida em Londres. "Pessoas qualificadas não abundam em Luanda ou em Angola, mas todos os anos recrutamos pessoas das universidades e depois de alguns meses 6% ou 7% saem para outras empresas e para outros países já treinados", diz Joaquim Paulo, senior partner da Deloitte, cujos quadros em Angola estão preenchidos com 75% de angolanos. Uma política que é igualmente seguida pela Visabeira - emprega 700 pessoas em Angola, sendo que apenas 65 são estrangeiros - e pelo BIC: "Estamos a treinar estudantes angolanos em Portugal que depois integram os quadros do BIC Angola", diz Mira Amaral. H.S.



BUSINESS IN PORTUGUESE

Fotos: Chris Renton



» PROTAGONISTAS

1. Vista geral da sala onde decorreu a conferência, na Simmons & Simmons, CityPoint, em Londres.
2. Luis Pais Correia, Presidente da Portuguese Chamber of Commerce com Maria Wittenberg, 'investment officer' da APEX.
3. João Figueira, responsável da ANIFIL, Feira Internacional de Luanda.
4. Silvio Jaime, Djamilia Pitta-Grós, Domingos Vunge, Evaristo Mulaza, do grupo Scoremedia, e Miguel Coutinho, administrador da Ongoing Media.
5. Paulo Varela, CEO da Visabeira, Joaquim Paulo, da Deloitte e Manuel Vasconcelos, do Banco BIC.
6. César Sá Esteves, partner da Pedro Rebelo de Sousa Advogados.
7. António Costa, director do Diário Económico, à conversa com Nasser Sattar, da KPMG e Rui Pedro Baptista, subdirector do Económico TV.

ENTREVISTA AGUINALDO JAIME, PRESIDENTE DA ANIP - AGÊNCIA NACIONAL PARA O INVESTIMENTO PRIVADO

“O primeiro investidor privado em Angola são os próprios angolanos”

Portugal é o segundo maior investidor privado depois dos empresários angolanos. Numa economia em desenvolvimento, Aguinaldo Jaime reconhece que o sector privado angolano só agora começa a estruturar-se e a aprender.

HERMÍNIA SARAIVA EM LONDRES

herminia.saraiva@economico.pt

Angola está apostar no investimento público como catalisador do investimento privado, num altura em que os angolanos continuam a ser os principais investidores. Aguinaldo Jaime diz que a aposta na diversificação da economia angolana está no bom caminho e a dependência do petróleo tenderá a diminuir.

O que é que motiva todo este interesse em relação a Angola?

Angola é uma economia que atrai bastante interesse junto dos investidores, pelo potencial de recursos que a economia angolana tem e pelo facto de Angola ser um país política e economicamente estável. E também, pelos resultados que Angola tem conseguido em matéria de atracção de capital privado estarem entre os melhores do continente africano. Sabemos que o mundo está ainda a viver uma situação difícil. Está-se a sair da recessão, mas algumas economias continuam ainda a ter certas dificuldades. Angola, se calhar, está numa situação um pouco mais favorável. As nossas principais fontes de exportação estão-se a consolidar.

O investimento privado está a aumentar?

Sim. Mesmo em 2009, que foi um ano difícil, Angola viu o investimento privado aumentar. Fora do sector petrolífero terá ficado à volta dos 2,8 mil milhões de dólares, isto se apenas falarmos de investimentos novos. Se falarmos de reinvestimentos ultrapassa os 3.000 milhões. Isso é importante porque sabemos que o sector petrolífero é intensivo em capital, mas não cria grande emprego. Em 2010 esta tendência mantém-se. O investimento privado já está à volta dos 4,4 mil milhões e até final do ano chegaremos aos 5.000 milhões.

Confirma-se a diversificação da economia...

É resultado de uma política do governo angolano. Temos um grande instrumento que é o investimento público com efeitos multiplicadores em toda a economia e que cria as condições para que o investimento privado possa ser atraído e possa ser rentável. Estou a falar de investimentos em infra-estruturas básicas como a educação, saúde, estradas, caminhos-de-ferro, aeroportos, sistemas de energia, de telecomunicações. São áreas em que o estado tem estado a fazer um grande esforço seja usando recursos próprios, seja com recursos disponibilizados por linhas de crédito assinadas com várias instituições e governos.

Qual é o papel das empresas portuguesas e brasileiras no crescimento do investimento?

Portugal é o segundo maior investidor privado



Chris Renton

“Angola tem um sector privado a crescer, a reforçar-se, muitas vezes em parceria com o sector privado estrangeiro”, diz o presidente da ANIP.

em Angola. O primeiro investidor privado são os próprios angolanos que acreditando no seu país cada vez investem mais, em segundo lugar estão as empresas portuguesas e depois a China, o Brasil, a África do Sul.

Em que sectores estão a investir?

O investimento privado está a focar-se mais nas indústrias transformadoras, sobretudo na alimentar, na construção civil, indústria de materiais de construção, habitação social e de uma maneira em geral na criação de infra-estruturas, através de esquemas de parcerias público-privadas.

Como é que vê o investimento das empresas angolanas em Portugal?

As nossas economias estão em estágios de desenvolvimento diferentes. Portugal tem uma economia muito mais estruturada. O nosso sector empresarial privado conheceu períodos de grande letargia, muito por força da nossa opção económica do passado, em que o nosso modelo de desenvolvimento assentava fundamentalmente na empresa pública e não na privada. A partir do momento em que mudamos o modelo temos um sector privado a crescer, a reforçar-se, muitas vezes em parceria com o sector privado estrangeiro. **Há queixas relativas à dificuldade de repatriar capitais de Angola para Portugal, que comentário lhe merecem essas queixas?**

É uma situação temporária que será rapidamente ultrapassada. Tem a ver com os efeitos que sofremos da crise, porque o nosso principal produto de exportação, o petróleo, viu o seu preço baixar drasticamente no mercado internacional e porque Angola, por força dos compromissos internacionais decorrentes da adesão à OPEP, teve que baixar a produção, já para não falar da crise que se abateu sobre o sector diamantífero. As receitas em divisas da economia angolana baixaram drasticamente e esta menor disponibilidade de recursos cambiais fez com que tivéssemos algumas dificuldades para as empresas repatriarem os seus capitais. Felizmente a situação tem estado a evoluir no bom sentido e estou convencido que com a retoma da própria economia angolana, estas dificuldades que aconteceram no ano passado e este ano serão progressivamente ultrapassadas.

Há também queixas das construtoras relativamente a atrasos nos pagamentos?

É um processo que está em marcha. Houve um processo, que demora sempre o seu tempo de reconciliação de valores, mas estou em crer que a partir do momento em que o mais alto magistrado de Angola deu orientação para estes montantes serem regularizados, não creio que haja qualquer razão para esses atrasados ainda subsistirem. ■

ENTREVISTA MARIA LUISA CRAVO WITTENBERG,
INVESTMENT OFFICER DA APEX

“O Brasil vende-se por si só”

Energia, petroquímica e infra-estruturas são alguns dos sectores em que o Brasil procura novos investidores.

HERMÍNIA SARAIVA EM LONDRES

herminia.saraiva@economico.pt

Uma economia estável, um mercado interno “pujante” com a nova classe média pronta a consumir, são alguns dos argumentos que a APEX – Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos usa para convencer os investidores estrangeiros. Em entrevista Maria Luísa Wittenberg, investment officer da Agência fala ainda dos sectores em que devem apostar.

O Brasil tem desde Domingo uma nova presidente. Esperam-se alterações nas políticas económicas?

A eleição da presidente Dilma Rousseff não traz grandes modificações porque há programas estabelecidos que não são

“O conselho que sempre dou aos investidores que procuram oportunidades no Brasil é investir naquilo que eles já sabem fazer.”

programas de governo, mas sim programas de Estado. A directriz dela vem no mesmo sentido do presidente Lula, por isso não acredito que haja grandes mudanças, antes a continuidade dos programas que já estão em curso.

Como avalia a presença das empresas portuguesas no Brasil?

Tradicionalmente as empresas portuguesas estão no sector das telecomunicações, da energia, e tem também alguns grupos portugueses na área da hotelaria.

E em que sectores devem apostar?

O conselho que sempre dou aos investidores que procuram oportunidades no Brasil é investir naquilo que eles já sabem fazer. Não é chegar no Brasil e procurar uma nova oportunidade num sector em que eles não têm ‘know how’. Acho que deve ser um investimento ainda mais profundo nas áreas de hotelaria, telecomunicações, energia, entre outros.

Como avalia a presença das empresas

brasileiras em Portugal?

As empresas brasileiras tem um mercado nacional pujante e hoje existe um movimento do governo brasileiro junto com o Banco de Fomento Nacional para internacionalizar as empresas brasileiras. Tradicionalmente tem as grandes empresas, como a Petrobras, empresas da área da alimentação como a Sadia, empresas da construção civil como a Odebrecht, trabalhando em vários países do exterior. Para Portugal eles vêm aprofundar esse tipo de investimento.

Que argumentos tem para vender a economia brasileira no exterior?

Principalmente a estabilidade económica. Hoje temos uma situação estável, um mercado interno pujante, um nível de consumo alto, mais de 30 milhões de novas pessoas na classe média nos últimos anos gerando um ‘turnover’ na economia. Fora disso tem oportunidades em indústrias que estão se aprimorando tanto para o consumo interno como para o consumo em áreas como o Mercosul. O Brasil vende-se por si só, os argumentos que usamos é mais para dar alguma visibilidade a alguns sectores que são imprescindíveis para o nosso desenvolvimento.

Quais são esses sectores?

Os sectores onde vemos oportunidades são o petróleo e gás, principalmente com a descoberta das reservas do pré-sal, localizadas no Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo, o sector dos semi-condutores, é um sector que a indústria vem desenvolvendo internamente, e temos vindo a atrair alguns ‘players’ internacionais, o sector químico e o sector das infra-estrutura.

Como estão as relações económicas entre o Brasil e Angola?

Brasil e Angola tradicionalmente não têm uma relação tão forte, porque o Brasil tem alguns laços culturais com África, mas historicamente recebe investimentos não de África, mas sim da Europa, da Ásia e dos Estados Unidos e exporta também para esses países. Hoje há uma diversificação de mercados e o Brasil olha para África não só como um mercado para receber investimentos brasileiros, algumas das grandes empresas brasileiras estão presentes em Angola, como para exportação dos seus produtos e serviços. ■



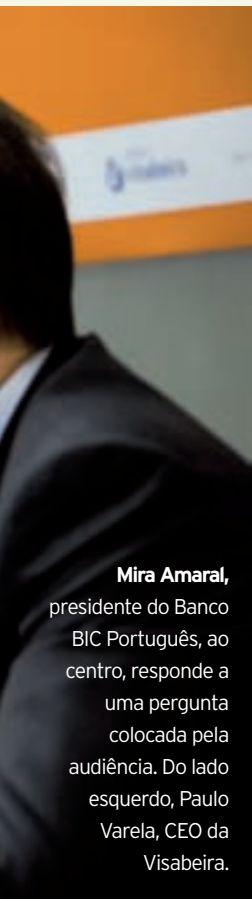
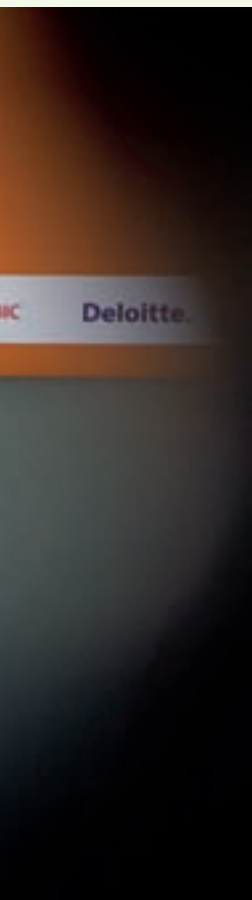
Maria Wittenberg, ‘investment officer’ da APEX, garante que a estabilidade económica e um mercado interno pujante e a um nível de consumo alto vendem o Brasil por si só.



Visabeira quer reforçar a sua

O primeiro passo será criar uma subsidiária da Vista Alegre no Brasil, algo que irá acontecer até ao final do ano, mas a Visabeira não quer ficar por aqui no que toca a aposta naquele mercado da América Latina. Com uma forte implementação em Angola, Paulo Varela lamenta ter saído do mercado brasileiro – onde teve uma empresa na área das telecomunicações – mas promete voltar em breve. “Queremos a Vista Alegre a explorar directamente o mercado brasileiro, onde neste momento temos um importador”, diz o presidente da Visabeira, explicando que até ao final do ano terá no Brasil uma equipa de gestão com vista à criação de uma nova subsidiária. “Queremos ter uma presença no retalho,

queremos revitalizar a notoriedade que a marca tem no mercado brasileiro e que não se tem traduzido em termos de negócios naquilo que é o verdadeiro potencial da Vista Alegre”, explica. Depois disso será altura de aposta no sector das telecomunicações e tecnologias de informação. “É nosso desejo no primeiro semestre de 2011 estarmos no negócio das infra-estruturas de telecomunicações e eventualmente na área das tecnologias de informação”, afirma o presidente da Visabeira. Mais consolidada está a presença em Angola, que no ano passado representou 10% do volume de negócios global do grupo Visabeira, e a tendência é para crescer, garante Paulo Varela: “Não obstante todo o negócio do grupo



Fotos: Chris Barton

ENTREVISTA LUÍS FLORINDO,
DIRECTOR EXECUTIVO DA AICEP

“O mais difícil é conseguir colocar Portugal na corrida”

O investimento da Embraer em Évora coloca Portugal no mapa dos investidores brasileiros.

Portugal ainda é uma porta de entrada para o investimento em Angola e no Brasil?

É uma porta de entrada do investimento da Europa nesses dois países e entrada de investimento desses dois países no espaço europeu. Temos exemplos das duas coisas, empresas que depois de estarem em Portugal a fazer parcerias com empresas portuguesas encontram caminhos mais fáceis para Angola e para o Brasil, mas também porque já temos investimentos de empresas brasileiras e angolanas em Portugal que depois mais facilmente conseguem chegar aos mercados europeus.

Qual o ponto de situação dos investimentos portugueses em Angola?

O investimento português em Luanda é muito maior, todas as grandes empresas portuguesas estão já presentes em Angola e têm desenvolvido os seus negócios, com mais ou menos sucesso, o que acontece em todo o lado. O investimento angolano está mais concentrado, tal como seria de esperar numa economia ainda emergente em grandes investidores. É interessante ver a aproximação entre as duas economias, entre empresas das duas economias.

É um desequilíbrio que também se sente na relação Portugal-Brasil...

Em termos de número de empresas e de montante de investimento, há muito mais investimento português nesses dois países. O Brasil está agora a dar os primeiros passos na internacionalização, a excelente saúde económica do país está a permitir as empresas brasileiras ganhar escala e a partir daí procurar oportunidades noutros mercados, por exemplo na Europa.

A AICEP está a procurar activamente investimento brasileiro para Portugal?

A AICEP procura investimento de todos os mercados, vai-se assistindo agora a um maior potencial do Brasil como mercado emissor de investimento. Conseguimos um primeiro grande caso de sucesso que são os investimentos da Embraer em Évora, o que chamou a atenção de outras empresas brasileiras.

Mas há negociações a decorrer com outras empresas no sentido de se instalarem em Portugal?

Vai havendo contactos e há intenções de investimento, o mais difícil é colocar Portugal na corrida. A partir do momento em que vamos tendo alguns desses grandes investimentos torna-se mais fácil entrar na corrida, depois ganham-se uns projectos e perdem-se outros.

Como se convencem hoje as empresas brasileiras a investir em Portugal?

A proximidade linguística é a porta de entrada para a Europa. O facto das empresas portuguesas conhecerem bem o ambiente de negócios na Europa e com a facilidade acrescida da língua poderem abrir oportunidades. Depois a disponibilidade de mão-de-obra, o facto de termos pessoas com um bom domínio de várias línguas estrangeiras. O facto de continuarmos a ser um país que dentro da Europa tem os custos operacionais mais interessantes e mais competitivos. ■

Luís Florindo, director executivo da AICEP, deu o exemplo da Embraer em Évora que, em sua opinião, “chamou a atenção de outras empresas brasileiras” para Portugal.

Mira Amaral, presidente do Banco BIC Português, ao centro, responde a uma pergunta colocada pela audiência. Do lado esquerdo, Paulo Varela, CEO da Visabeira.

presença no Brasil

estar este ano a crescer significativamente, é capaz de chegar aos dois dígitos, Angola provavelmente vai crescer um pouco mais”, o que contribuirá para chegar aos 12% da facturação global da Visabeira.

BIC Português fecha ano com mais de um milhão de euros de lucros

A menos de dois meses do final do ano, Mira Amaral, presidente do BIC Português acredita que o banco poderá ultrapassar este ano um resultado líquido de um milhão de euros. “Em 2009 já tivemos um lucro de 200 mil euros e espero ter um lucro mais substancial este ano, não lhe direi os números exactos, mas muito mais de um milhão de euros”,

afirma o gestor, que sublinha o apoio dado pelo BIC Angola no desenvolvimento da actividade.

Numa altura em que os atrasos nos pagamentos do governo angolano continuam a ser notícia, Mira Amaral reconhece que este foi um problema que também afectou o BIC Angola, mas que a situação tende para a normalidade. “A crise internacional também chegou a Angola na medida em que os preços do petróleo a nível internacional baixaram e Angola teve menos meios de pagamento. O governo angolano atrasou pagamentos e também houve pagamentos em atraso aos bancos e o BIC Angola teve alguns clientes com pagamentos em atraso”, reconhece o gestor. ■ **H.S.**